

CINEMA DE LUGAR: práticas cinematográficas a partir das mulheres do Porto do Capim ¹

Kenia Kalyne Gomes de Almeida²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Esta pesquisa investiga como o cinema pode atuar como prática de lugar. Parte-se do problema de como o cinema de lugar pode romper com estereótipos externos sobre comunidades tradicionais. Trata-se de uma abordagem qualitativa, de caráter participativo. A análise fílmica observa como as mulheres da Comunidade Porto do Capim dialogam com as subjetividades do território. A base teórica articula Tuan (1983, 2012), Milton Santos (1978, 1985), Stuart Hall (2003, 2005), Dussel (1993, 2016) e Antônio Bispo dos Santos (2017, 2023). Verificou-se que o envolvimento da comunidade no processo de criação altera a narrativa e os modos de produção.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema de lugar; Porto do Capim; modo de produção, mulheres, comunidades

INTRODUÇÃO

As imagens que historicamente alcançaram a grande mídia pouco diziam sobre as comunidades tradicionais, ou quando o faziam, reproduziam estereótipos a partir de olhares externos. No cinema tradicional, as comunidades foram por muito tempo representadas por visões alheias às experiências desses sujeitos. Esta pesquisa nasce da convivência com as mulheres da Comunidade Porto do Capim, localizada na região central da cidade de João Pessoa (PB). Trata-se de um território tradicional e ribeirão marcado tanto por ameaças de remoção urbana quanto por intensas práticas culturais e modos autônomos de organização. Ao propor o cinema como prática de lugar, compreende-se o audiovisual como tecnologia de pertencimento, de memória e de disputa simbólica. A hipótese é que o cinema, quando construído a partir da perspectiva da experiência (Tuan, 1983) atua como dispositivo de construção simbólica e capaz de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade (GTNE02), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Doutoranda em Estudos da Mídia, PPgEM-UFRN, email: kalyne.almeida.comunica@gmail.com

tensionar os circuitos cinematográficos, inclusive os espaços hegemônicos. O objetivo geral da pesquisa é investigar como as mulheres da comunidade Porto do Capim utilizam o cinema realizado com a comunidade para construir sentidos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreender o cinema como prática de lugar, é necessário partir da noção de “lugar” enquanto experiência vivida. A partir da ideia de topofilia, compreendido como vínculo emocional que os sujeitos estabelecem com o ambiente —, Tuan (1983, 2012) compreende o lugar não apenas como localização geográfica, mas como dimensão carregada de sentido. O lugar é, portanto, um espaço habitado, experienciado, nomeado, narrado, carregado de possibilidades de memórias. Ao investigar as formas pelas quais os humanos se relacionam com o ambiente, Tuan nos auxilia a refletir como essa relação se manifesta através dos filmes não apenas enquanto produto, o filme, mas enquanto prática de produção cinematográfica. Em diálogo, Milton Santos (1978, 1985) entende o território como um espaço vivido, território enquanto espaço usado, espaço social. Complementando essa visão, Raffestin (1993), conceito de território aqui é também considerado como um espaço de poder, de disputas e de controle.

Ao articular essa perspectiva ao campo da cultura, Stuart Hall (2003, 2005) oferece aportes para pensarmos os processos de identidade e de representação. A identidade, para o autor, não é algo fixo, é compreendida como construção. Assim, o lugar é um aspecto importante da identidade cultural. Hall (1997) nos alerta acerca dos efeitos da mídia sobre as sociedades. Sendo uma mídia de massa, o cinema é um construtor de símbolos e atinge um grande número de pessoas. Os estereótipos, ou as simplificações exageradas (Hall, 1997), retiram do sujeito as possibilidades de ser, uma vez que a estratégia de reduzir os sujeitos e os territórios configura, de fato, embates e disputas. Como questiona Hall (1997, p. 139): "Como representamos as pessoas e os lugares que são significativamente diferentes de nós?". Essas questões levantadas por Hall mostram o desafio das representações midiáticas. Assim, a estratégia de ocupar as narrativas por meio das narrativas inscritas configura o que o autor denomina de 'política das imagens'. Nesse contexto, o cinema também não é algo neutro: opera na produção de sentidos sobre os sujeitos e seus lugares. Ao se considerar que as imagens produzem regimes de visibilidade e invisibilidade, o cinema torna-se um campo de disputa simbólica das identidades.

Essas reflexões ganham força ao serem atravessadas pela epistemologia decolonial proposta por Dussel (1993, 2016). O autor propõe um deslocamento das epistemologias eurocentradas e a valorização dos saberes produzidos a partir de contextos do eixo Sul Global. O autor defende a necessidade de uma reorganização do pensamento comprometida com a transformação de paradigmas.

Seguindo esse modelo de transformação social a partir das comunidades conscientes, Antônio Bispo dos Santos (2017, 2023) oferece chaves políticas e também epistêmicas para refletirmos e aplicarmos os saberes locais também em espaços macros de pensamento. A produção de conhecimento e a produção simbólica oriundos das comunidades tradicionais são fundamentais para pensarmos o cinema como uma prática de lugar, construída com o território e não sobre o território.

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa parte de uma imersão na Comunidade Porto do Capim, entre os anos 2016 e 2024, cuja convivência cotidiana possibilitou a formulação do conceito de Cinema de lugar a partir das práticas simbólicas e vínculos afetivos com o território. Trata-se de uma abordagem qualitativa, com caráter participativo. A partir dessa imersão e circularidade na comunidade, foi sistematizada uma análise fílmica que denominei de análise fílmica de lugar. Ela foi desenvolvida como ferramenta metodológica para observar como os filmes expressam as relações entre corpo, paisagem e elementos audiovisuais. Foram selecionadas três obras produzidas com a comunidade — Aponta pra fé - ou todas as músicas da minha vida (2020), Cumadre Fulorzinha (2020) e Mimi-Cuba (2021) — com base em critérios de saturação, permitindo compreender diferentes formas de construção audiovisual ligadas ao lugar.

ANÁLISE DAS OBRAS E PRINCIPAIS RESULTADOS

Nas três obras analisadas, as mulheres da Comunidade Porto do Capim ocupam o protagonismo na construção de enunciação e narrativa. Os vínculos afetivos com o território e os saberes tradicionais moldam a linguagem audiovisual, incorporando planos sequências, a centralidade do corpo e a paisagem como elementos protagonistas. Nota-se que as mulheres se inscrevem não apenas presentes em tela, mas sobretudo no extracampo como parte do sentido político da obra enquanto dispositivo do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cinema de lugar afirma-se como instrumento de inscrição simbólica e política de comunidades, a partir de práticas coletivas e vinculadas afetivamente ao ambiente. Filmes de lugar são aqueles que seu processo de criação e desenvolvimento dialogam com o lugar a partir do conceito de topofilia. É evidente que o envolvimento das mulheres da comunidade no processo de produção altera as técnicas e as estéticas cinematográficas, bem como o circuito de distribuição das obras. A sistematização da metodologia proposta oferece subsídios para sua aplicação em outros contextos.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. **1492 o encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Transmodernidade e interculturalidade**: interpretação a partir da filosofia da libertação. Sociedade e Estado, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 51–73, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6079>. Acesso em: 6 jan. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: LIMA, Cláudia Barbosa de; COSTA, Maria Alice Rezende da. Educação, cultura e relações raciais: apostando na formação de professores. Brasília: MEC; SECAD; UNESCO, 2003. p. 29–41.

HALL, Stuart. **A representação cultural**: elementos para um debate. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 39–73.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCT/PPED, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Todavia, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1985.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.